

O escritor como crítico social: Gilberto Freyre e José Lins do Rego nos anos 1920 e 1930

Silvana Moreli Vicente Dias¹

Resumo:

A correspondência entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego aponta para possibilidades diversas de leitura de sua obra, como a relação entre epistolografia e ensaísmo. Pode-se também observar como a prática literária dos escritores converge para um projeto pretensamente consensual (e bastante problemático) de Brasil, cujas formas se definem, sobretudo, após a década de 1930.

Palavras-chave: *Gilberto Freyre; José Lins do Rego; epistolografia; ensaísmo; Modernismo brasileiro.*

Abstract:

The correspondence between Gilberto Freyre and José Lins do Rego opens the possibility of a comprehensive reading of their works, presenting themes such as the relation between epistolography and essayism. One can also observe how the literary practice of both points to a consensual project (in a very problematic perspective) of Brazil, whose forms are defined mainly in the 1930s.

Key-word: *Gilberto Freyre; José Lins do Rego; epistolography; essayism; Brazilian modernism.*

A relação entre Gilberto Freyre (1900-1987) e José Lins do Rego (1901-1957) constitui um caso interessante para a Literatura e a Cultura brasileira do século XX. Com o retorno do sociólogo em 1923 para o Brasil, recém-formado pela Universidade de Baylor e pós-graduado pela Universidade de Columbia, período de estudos seguido por viagem pela Europa, este trava relações, já no Recife, com o também jovem estudante José Lins. Lins cursava a Faculdade de Direito e, entre seus amigos da época, estavam personagens ligados ao Modernismo recorrentes na correspondência trocada entre ambos, como Olívio Montenegro, José Américo de Almeida, Jorge de Lima e Aníbal Fernandes, que passam, aos poucos, a conviver com Freyre. Ambos eram escritores em formação: Lins e Freyre já escreviam artigos para revistas literárias e a imprensa do período.

Lins diante de Freyre, de erudição incomum para a época, com um conhecimento literário absolutamente novo para aquele ambiente e com as experiências de homem viajado, verdadeiro cosmopolita, comporta-se de forma humilde, como percebemos por meio de vários de seus testemunhos. Em carta, Lins fala desta relação que teve para ele uma força incomensurável diante da figura intelectualmente sedutora de Freyre:

Somente hoje recebi a sua carta de 29 de abril. Muito me tenho lembrado de você com as minhas lições de inglês. Daqueles dias de esquisito sabor para minha memória com que começamos a nossa amizade. Foram mesmo por esses tempos de chuva os nossos primeiros dias de amizade. Dias que todo o meu esforço era não me parecer ridículo e evitar aqueles horríveis conhecimentos que tinha. E ia a sua casa encolhido de escrúpulos de não lhe ser inoportuno. Tudo isto é hoje, para mim o que me ficou digno de lembrança em toda a minha mesquinha vida de rapaz, onde muita coisa realizei como se fosse ator duma *troupe* de Brandão Sobrinho.²

Quando o assunto é a amizade, parece haver um certo desequilíbrio entre aquilo que Freyre oferece e o que Lins apresenta em contrapartida, como um menino ansioso que corre atrás do mais velho, mais experiente, mais vivido. Em prefácio ao livro *Região e tradição*³, essas são as palavras lúcidas, mas também fascinadas, do mais maduro José Lins, um tanto deslumbrado diante do amigo de “de todas as horas”:

Em 1923 havia ele chegado da Europa. E andava em verdadeiras núpcias com a terra, após quase seis anos de ausência. Todo o Brasil lhe aparecia numa festa de luz, de cor, num deslumbramento. Os seus primeiros artigos eram com cartas de cronista saltando de caravela. Mas um cronista lúcido, de lucidez de quem via tudo criticando, sentido valores, verificando erros. [...] Estávamos no Brasil de depois da guerra. [...] Conheci Gilberto Freyre nessa época de prosperidade e estupidez. Por esse tempo era eu um jornalista de oposição, exaltado pelo panfleto político. Tudo em mim seria para desagradá-lo, a ele que estivera em Oxford, depois de formado em Colúmbia. [...] Há 17 anos que eu o conheço, que vivo ao seu lado, e até hoje não me falhou uma só vez, não me fugiu de dizer a verdade, de contrariar-me nos meus erros e de me animar e me aplaudir nos meus bons momentos. Escrevo sobre ele, e quase falo de mim mesmo, tanto me sinto obra sua, tanta influência exerceu sobre a minha pobre natureza, tão sujeita aos ventos e aos tormentos das tempestades⁴.

José Lins, em suas considerações, entretanto, não deixa escapar um momento de completa passividade diante do amigo, apesar de se dizer alguém influenciado por ele. Consegue identificar o que em Freyre é original naquele contexto de relativa prosperidade econômica da década de 20, que não corresponderia a um ambiente intelectual e artístico estimulante. Freyre traria novidades, mostraria uma capacidade de análise única, uma forma de escrita com ritmo e construções singulares. Como dizia Lins, era um Freyre que não trazia um “amor cego pela terra, de alucinado”—como do mesmo modo não parecia ser a admiração de Lins pelo amigo:

Era o amor de quem examinava, de quem descobria os defeitos e se indignava [...] O rumor da Semana de Arte Moderna lhe parecia muito de movimento de comédia, sem importância real. [...] Começou Gilberto a agitar nos seus artigos temas inteiramente novos para o Brasil, a falar de gente inteiramente desconhecida para nossos meios literários, revelando um Joyce, um Meredith, o neotomismo de Maritain, os Browning, Ganivet, a escrever de um jeito que era novo sem ser “moderno”, a dar à língua portuguesa uns acentos melódicos, a descobrir soluções poéticas para certos acentos ásperos de nossa língua.⁵

A conduta de Freyre é sempre de maior reserva: costuma ser mais áspero diante de um Lins mais sentimental. Porém comporta-se como quem sabe que deixa certa marca geracional—que, mais tarde, de fato, será referência para o grupo dos modernista-regionalistas do Nordeste.⁶ “Confesso aliás que não sou entusiasta de Balzac: ainda há pouco li o *Père Goriot* e fiquei no mesmo quanto a Balzac. Seus romances são como essas festas horríveis onde há muita gente. Eu quisera que você pudesse ler o meu querido Pater, Joyce e certas páginas de Rossetti e das Bronté”⁷, diria a José Lins em 1924. Menos barulho e mais reflexão, voltada para temas da região, ou temas fortemente relacionados com elementos considerados “profundos” da sociedade e seus homens: a presença de Freyre se firmava por esta via. E, como o próprio Lins sempre reforçava, o estilo freyriano era singular, estimulante. Nesta senda, o consagrado romancista comenta, anos depois, os artigos de Freyre do ano de 1947: “Mas os artigos que têm chegado, são admiráveis. O último sobre fanatismo é qualquer coisa do melhor Gilberto, o do tempo dos artigos numerados.”⁸

Esses artigos numerados foram escritos quando Freyre atuou como colaborador para o *Diário de Pernambuco*. O “melhor Gilberto” mostrava uma verve ensaística destacável, empenhada em atuar sobre os gostos artísticos e literários do seu público,

influenciar ações políticas e administrativas, censurar moral e ironicamente atitudes consideradas inadequadas para um ambiente esclarecido. Nesses primeiros anos de readaptação ao Brasil, passeia livre pelos temas os mais diversos por meio de seus artigos, ora em tom de crônica, ora em tom moralista, ora em tom irônico-cômico. Suas escolhas pareciam verdadeiramente temerárias num país em que as instituições não teriam conquistado sua real autonomia, ao contrário dos países burgueses de capitalismo avançado que lhe serviam como modelo. Esta contradição, entre real dependência estatal e almejada autonomia burguesa, transfere-se para o interior dos próprios escritos de Freyre. O livre-pensador quer a liberdade, mas duvida de que ela seja possível em um país tão “pouco esclarecido”, entregue “às forças obscuras e abstratas do capital e da democracia”. Em síntese, é um livre-pensador que carrega as marcas dessa incoerência, que se constrói de forma independente, mas que vê com desconfiança as transformações pelas quais passava o Brasil da época:

Olívio esteve aqui mas não o vi. Exatamente quando ele veio ao *Diário*—eu não viera à cidade. Não estou bem—sentindo às vezes um vazio em torno de mim—o que me irrita, pois é sempre sinal de fraqueza. E Deus há de me ajudar a vencer essa espécie de romantismo de governante inglesa. Acabei de ler o Maurras sobre a Monarquia e estou agora a ler o livro de uns americanos sobre a América Latina, que não é mal feito e onde sou simpaticamente citado a propósito do meu *Social Life*. Lendo Maurras se sente a melancolia de não poder viver aqui, quase, vida de espírito. Mas é preciso ter coragem e resignação e sobretudo bom-humor para achar graça no que há de comédia em tudo isso.⁹

A escrita de Freyre comunica-se com o ensaísmo mais representativo da tradição britânica, com a qual o jovem estudante tivera contato nos curso do Professor Joseph Armstrong na Universidade de Baylor. Afora Walter Pater, que é um dos seus principais modelos, o qual oferece uma dinâmica reflexiva mais intimista e sensorial, Steele e Addison, que publicam seus primeiros artigos na *Tatler* dos idos de 1709, devem ser lembrados não somente pelo seu estilo dialógico, que se alimenta da palavra falada como um modo de se aproximar de um público cada vez maior, mas também pela tarefa assumida de atuar como *ensor of manners and morals*.¹⁰ O epicentro desse ensaísmo encontra-se na solidificação do jornalismo como profissão. Com a esfera pública burguesa, torna-se necessário criar espaços em que pudessem circular visões de mundo, reflexões, informações para um público que, leigo, procurava se instruir e se espelhar

pela “alta cultura”. As camadas cultas da sociedade passam a ser não somente os frequentadores da corte, da vida palaciana, mas também a burguesia nascente. O cerne do ensaio nasce como expressão da “autoconsciência laica, da subjetividade individual problemática e cindida, e ao mesmo tempo como típica encarnação de tendências antidogmáticas, céticas, irônicas e heréticas”, nas palavras do crítico italiano Alfonso Berardinelli¹¹.

Em caminho semelhante, o ensaísmo de Freyre, desses anos de juventude após retorno ao Brasil, em que a amizade com José Lins—também, ao seu modo, um *critic of manners and morals*—se solidifica, alimenta-se do espírito crítico que se investe contra os temas mais diversos, sobre livros, fraques, “do horrível mau hábito de falar gritando”, automóvel, arquitetura, mendigos, queimadas, literatura, artes, jardins, comida etc. Os artigos numerados de que fala Lins, o primeiro sendo datado de 3-11-1918, enviado pelo jovem estudante da cidade Louisville, Estados Unidos, e o último, de 22-3-1925¹², discorrem sobre paisagens americanas, corrupção, raça, pobreza, o mau hábito do telefone (telefonite), mercado editorial, árvores, monumentos, superstições, camaradagem brasileira, inveja, hipocrisia, senhores de engenho, dentre outros assuntos. Em seu penúltimo artigo numerado, o de número 99, escreve Freyre:

Novo-Culto! Era o nome que então enchia a República de Altruria. Ninguém mais notável. Quando ele atravessava a Avenida Novíssima no possante “Superabundância”—um dos muitos automóveis de luxo—não havia dedo índice que não lhe apontasse a figura nem boca que não exclamasse: “Novo-Culto! O Dr. Novo-Culto!”

Devia ser interessante o palacete do Dr. Novo-Culto. Eu já uma vez jantara com o irmão mais velho do Dr. Novo-Culto e chefe da importante família que dominava Altruria: o Coronel Novo-Rico. E doutra feita passeara pela Avenida Novíssima na companhia do General Novo-Poderoso, primo de Novo-Rico e seu protetor. Faltava-me conhecer o Dr. Novo-Culto na sua intimidade de erudito magnífico.¹³

O artigo, publicado no *Diário* no dia do seu 25^o. aniversário, 15-3-1925, desenvolve uma narração alegórica, uma espécie de fábula que, ao invés de animais, emprega figuras como Novo-Culto, o Novo-Rico, a Diátese, a Interjeição, o Adjetivo, os Lugares-Comuns etc., para empreender uma crítica social mais ampla, representando o humor distanciado, a ironia que, em boa medida, ecoa na correspondência com José Lins. Desse modo, mais do que pensar na ressonância de Gilberto Freyre em José Lins

do Rego a partir de um aprofundamento em temas da intimidade doméstica e dos valores tradicionais—indiscutivelmente presentes, como bem notam os seus principais críticos, como José Aderaldo Castello, Luiz Trigo e José Maurício Gomes de Almeida¹⁴—, vale observar o estímulo de Freyre como um analista da época, dono de um estilo único, seguro das suas convicções e de seus gostos, que se corporifica nesses primeiros ensaios com toda a força, mas que também está presente na própria correspondência com José Lins:

O que se paira hoje no Brasil é uma explosão de excessos—excessos de novos poderosos—representados em tenentes de farda ou à paisana; excessos de novos cultos, representados nos homens de ideais (as épocas de ideais são sempre aquelas em que os homens pobres de ideias entregam-se a ideais), excessos de novos cultos e novos poderosos misturados, indivíduos metade-bacharéis, metade-tenentes, como aliás o patriarca da República capitão doutor Benjamin Constant. Creio que o país atravessa esta crise de arrivismo, que entretanto lhe deixará marcas de bexiga para sua vergonha, ou marcas de [?], direi melhor, que são as que mais recordam os excessos do arrivismo no indivíduo—a fase do novo-amoroso. Faltam-nos hoje como nos faltaram em 1831 forças de organização—mas em 1831 bem que apareceu Feijó e é possível, provável mesmo, que de novo se façam sentir as forças de organização contra as de indisciplina; duas ou quatro ideias elementares mas sensatas contra a multidão de ideais contraditórios, bestas, ridículos espalhados pela República Nova.¹⁵

Freyre fala de um Brasil incompleto, de homens de ideais, mas pobre de ideias, de revolucionários que procuram construir uma nova República na marcha dos excessos que assolariam o país. O entusiasmo de sua reflexão, neste momento, incide em um contexto em que o autor sofre com as consequências dos acontecimentos detonados pela Revolução de 30. Como chefe de gabinete do governador de Pernambuco Estácio Coimbra—atuação na política que o permite encontrar ao menos uma atividade compensadora nas audiências públicas, dentre tantos aborrecimentos, como afirmaria a José Lins, “onde o Governador, como bom senhor de engenho que apesar do fraque de bacharel continua a rei no interno, recebe tudo quanto é gente humilde, esta nossa boa gente humilde: e eu me dedico à defesa de causas dessa pobre gente, o que me vem dando um certo prazer cristão”¹⁶—, é levado a embarcar para a Europa após 5 de outubro, para fugir da ira dos revolucionários. No momento daquele desabafo inconformado, em que fala sobre sua descrença em revoluções e em homens de

“ideais”, o autor já se encontrava nos Estados Unidos para desempenhar a função de professor convidado de História Social do Brasil na Universidade de Stanford.

Quando se dirige ao amigo Lins, quem atua é esse Freyre incisivo, imbuído de autoridade, mais altivo, menos humilde e mais convicto de suas opiniões. É com esse tom que apresenta suas apreciações críticas sobre os livros escritos por Lins, sem meias palavras. Sobre *Moleque Ricardo*, de 1935, afirmaria: “Li o seu livro. Não gostei do título. Mas o romance está cheio de páginas interessantes e fortes. Outras, um tanto [intencionais], segundo me pareceu.”¹⁷ Em outro momento, assevera sobre *Pedra Bonita*, de 1938: “E você?—Gastão já lhe deve ter dado minha impressão do *Pedra Bonita* que acho bom, mas não dos seus romances mais fortes—Acima de *Moleque Ricardo*, por certo, mas não no nível de *Banguê*—para falar no maior romance dos outros. Se eu fosse você não me deixaria levar por esta história de fecundidade e me concentraria para a produção mais demorada de um romance onde não houvesse repetição [ou] até mecanização de efeitos, motivos etc. Um romance com psicologia muito profunda. Mas você é que sabe o que lhe convém para a sua vida—digo vida no sentido mais completo.”¹⁸ A opinião não é menos incisiva para *Pureza*, de 1937: “Você veja se acha um jeito de me mandar as coisas diretamente: nem vi *Pureza* antes da publicação nem recebi um exemplar que sei ter chegado para mim e ter sido encaixotado pelo Cícero, de mudança para Olinda. Li grande parte de *Pureza*. Creio que é o seu romance mais romance. Mas não tem a intensidade de expressão, nem a riqueza de substância, de conteúdo dos outros seus romances. Exceto, é claro, *Moleque Ricardo*, a que é superior. Está a minha opinião baseada na leitura de grande parte do livro, mas não do livro inteiro.”¹⁹

No contexto dessas afirmações, mais do que simplesmente ponderadas, poder-se-ia dizer, quase excessivas para quem sequer havia lido o “livro inteiro”, ligar a exuberância da escrita de José Lins aos estímulos de Freyre somente pelo prisma do regionalismo—sem observar o que de mais forte atua em José Lins nos idos da década de 20, ou seja, o pensamento e o estilo de tipo barroco, plenos de contrastes e de linhas tortuosas—é tão somente uma via para captar o imenso terreno de trocas que se constrói em torno de ambos, destacando apenas o que há de mais visível nesta relação. A admiração mútua—e certamente mais expansiva no caso de Lins—nasce no contexto da atuação de ambos como ensaístas, como escritores que circulavam em páginas de jornais da época para falar sobre tudo, para escolher, separar, opinar, influenciar um

público leitor crescente e cada vez mais interessado naquilo que escritores, como censores, e não simplesmente como cronistas, poderiam falar sobre suas próprias vidas.

A seriedade dá a tônica de suas atuações na imprensa; ela mesma é a que permeia a própria correspondência. Nada ali é ligeiro, passageiro, sem reverberações na vida prática. E assuntos aparentemente mais banais, como a decisão de uma viagem, uma festa pública como o Carnaval, uma data comemorativa como um aniversário, ganham gravidade por vezes desmesurada:

Recebi hoje sua aérea de três. Amanhã ou depois sigo para a França por terra—pelo norte de Portugal e por Espanha. Sigo de automóvel com o Paulo Inglês de Sousa. Vamos ver o que vai ser essa viagem que não deixa de ter os seus riscos. Ou pelo menos as suas complicações. Eu porém estou numa fase de não ligar muito os riscos. Não é uma fase heroica, nada disso, mas de indiferença de um pouco de acídia. Em todo o caso, não espero me acabar nessa viagem. Se me acabar só lhe peço é que não me publiquem “Mucambos”. [...] Nada! Que se queime tudo.²⁰

Com José Lins, Freyre desenvolve um canal em que encontra a confiança de poder falar de suas crises, de suas dúvidas, de suas ansiedades. Ao mesmo tempo, recrimina, palpita, reivindica atenção, chama à lucidez diante de fatos impondo sua própria visão de mundo, em boa parte politicamente conservadora, apesar de francamente progressista em terra dominada por “coronéis” e “bacharéis”²¹. Esta é a opinião de Freyre diante de um José Lins eufórico na imprensa com a ação de jovens estudantes:

Os Estudantes! Os Novos! Como todo o messianismo, este exige cautelas e restrições. Nunca fiquemos num lado só das histórias—nem das histórias da carochinha nem das histórias dos povos. Há sempre um outro lado, que os de espírito crítico precisam ver. Por exemplo: a conhecida história da velha que cevava os netinhos (a história afirma logo que para devorá-los como a perus), do dedo substituído pelo rabinho de lagartixa, dos netinhos reunidos para queimarem a pobre—que morre de fato queimada e gritando “água meus netinhos” enquanto estes só fazem derramar mais azeite sobre a coitada da avó. Quem sabe se nessa história não há muita injustiça ou pelo menos muito exagero? O que parece é que a velha cevava os netinhos, um pouco por ternura de avó, um pouco para que trabalhassem melhor nos serviços [?] sérios. Eles porém, com a preguiça e a crueldade características da Mocidade mais do que da velhice, tramaram aquele covarde ataque à pobre velha.²²

Se os romances de José Lins merecem comentários mais ligeiros e diretos, a sua atuação na imprensa merece de Freyre uma atenção maior, seja para criticar, seja para elogiar. O comentário em carta mostra, mais uma vez, como Freyre desconfia dos tempos vindouros, de tudo o que é novo, da própria revolução. O tema da mocidade agitada que age como trator em cima de valores volta a ser explorado mais adiante, no contexto de ataques públicos de estudantes do Recife contra Freyre no ano de 1943²³. José Lins escreve sobre o assunto na imprensa. Foi parabenizado por Freyre, que diz: “Ótimo seu artigo ‘Azeite vovó’”²⁴.

Assim, se, por um lado, as discussões estéticas não são a tônica das cartas, como acontece na *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*²⁵ e *Carlos e Mário*²⁶ (Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade), para mencionar duas coletâneas das mais representativas do nosso Modernismo, há na *Correspondência de Gilberto Freyre & José Lins do Rego*, por seu turno, um amálgama entre estilo e temática variada nos moldes do ensaísmo. Sobre o ensaísmo propriamente dito, no caso de Freyre, ainda não houve um reconhecimento completo pela crítica da complexidade e força de sua atuação nesta forma fronteiriça por excelência, que herda, no caso do escritor, a vivacidade e o estilo dialógico dos *familiar essays* britânicos e os combina com a profundidade psicológica e a sensorialidade de um Walter Pater. O seu ensaio encontra a matéria primordial no contexto da efervescência cultural do período, em que artistas e intelectuais estavam cada vez mais empenhados na descoberta do Brasil interior, do Brasil desconhecido, daquele Sertão que Euclides deixara suspenso, marcado pelas fortes tintas do pessimismo—e que poderia estar em qualquer parte, inclusive no litoral. *Casa-grande & senzala*, de 1933, acaba sendo um ensaio de fôlego que pode—e deve—ser filiado ao cânone do melhor ensaísmo brasileiro. O tema variado preenche uma forma que, com suas fissuras, seus movimentos, suas dobras, pode incluir toda uma reflexão, progressista sob muitos aspectos e tradicionalista sob tantos outros, ponderada e ao mesmo tempo contemplativa, conseqüente e de também aparência ligeira, muito pessoal pela sua tendência autobiográfica e capaz, ao mesmo tempo, de se tornar símbolo de um país que se debate nas malhas do velho vislumbrando, aos pedaços, com sua herança escravocrata e patriarcal, um futuro menos desabonador. Sobre *Casa-grande & senzala*, diria José Lins:

Logo no dia em que vocês saíram recebi o seu livro. E com ele me curei das saudades suas e do caboclo. Não sei falar

de seu livro porque até hoje não li coisa melhor, nem parecida. Esta é que é a verdade. Lastimo que no Brasil não existe ambiente para ele. Havia uma história sobre índios que me contavam em crianças que talvez lhe servisse para o segundo capítulo: era a de que antigamente o céu era baixo, perto da terra, tão perto que a gente via o Nosso Senhor. Mas um dia um índio quis furar céu com a lança e o céu foi subindo. E o índio botava uma escada e cada vez mais o céu subindo. Até ficar na distância de hoje. Recebi a sua carta e ela me fez pensar nos tempos do começo de nossa amizade quando eu recebia as suas cartas e lia para mais de 20 vezes, tempos estes que foram os maiores da minha vida. Depois eu cheguei a pensar em que você tivesse esquecido, me botado à margem. Isto mesmo eu me lastimava ao Olívio. E era um grande constrangimento para mim pensar nisto.²⁷

Céu e terra parecem simbolizar extremos enfrentados pelo índio, pelo artista e pelo intelectual. A descoberta da verdade deve nascer da vida comezinha, com todas as discrepâncias, não pairando incólume no ar. Mas, ao contrário do índio, o artista e o intelectual cutucam a realidade fenomênica, num movimento menos ao alto e mais ao baixo cotidiano, e indagam a experiência subjetiva sobre a qual aquela teria deixado sua marca, procurando extrair, se não a última possibilidade de residência da divindade, pelo menos a sombra do sentido totalizante que tende ao épico. O artista, desse modo, pode ser também o crítico social engajado a procura de saídas viáveis. São extremos não excludentes, uma espécie de dialética suspensa que percorre tanto a obra de Freyre quanto a de Lins.

Pensar no ensaísmo de José Lins do Rego é também um terreno de fértil possibilidade de exploração. Quando o assunto é seus romances, sua poética explícita— que procura uma conexão entre poesia e vida, sem encrespamentos, que defende a fecundidade, a espontaneidade, a unidade fundamental—, o autor toma o caminho da não problematização. José Lins queria ser o contador da vida orgânica, antes de se tornar consciente, de um vitalismo que caminha para a degradação, para o esfacelamento, como foi a decadência do mundo que o viu nascer dos engenhos da Paraíba, como seria a vida de qualquer indivíduo. Como diria Otto Maria Carpeaux:

Os fatos, contam-se; os problemas, interpretam-se. José Lins do Rego, porém, é um *conteur* nato; contar histórias é a sua profissão. Os seus dez romances em conjunto são, desde já, um fato da história literária; cada um daqueles romances é um fato, todos eles são cheios de fatos, numa riqueza que é a da própria vida orgânica, espontânea e

como que sem problema. José Lins do Rego não é um escritor problemático.²⁸

Se José Lins é um *conteur* nato e se concomitantemente procura participar dos problemas, isso fica claro sobretudo em seus ensaios. Pensar só no cronista ou só no memorialista também não explica essa personalidade múltipla; tais facetas se combinam o tempo todo com o interesse empenhado diante da realidade. Os seus ensaios, de fato, mostram uma habilidade para delimitar o problema, checá-lo por diversas perspectivas, delinear uma percepção inovadora, julgar, como apontaria Ivan Junqueira: “E Lins do Rego foi, na verdade, um ensaísta de alta estirpe, discípulo de Montaigne, de Barbey d’Aurevilly, de Azorín, de Unamuno, de Ortega y Gasset, de De Quincey, de Samuel Johnson, de Thoreau.”²⁹

Um conjunto que representa em particular as linhas do ensaísmo de Lins são os artigos que o futuro romancista enviou como correspondente de Alagoas para o jornal *A Província*, quando este era dirigido por Gilberto Freyre. Apesar de não ser extenso, pode-se perceber neste conjunto que simboliza o encontro profissional entre ambos a produtividade de duas linhas de força do tipo de ensaio curto que Lins pratica naquele momento, sob a direção do amigo sociólogo: de um lado, a reflexão empenhada sobre temas ligados ao cotidiano e à vida pública; de outro, um pensamento, ainda não tão sistemático, mas já fortemente delineado, voltado para a região, o local, a província, em contraposição aos influxos da metrópole—como o próprio título do jornal sugere. São esses artigos: “O senhor de engenho virou tema da moda”, de 21 de outubro de 1928; “Casas novas e coqueiros velhos na praia do Tambaú”, de 20 de novembro de 1928; “Qual foi a ação dos moços no Segundo Império”, de 25 de dezembro de 1928; “O carnaval: matéria artística”, de 10 de fevereiro de 1929; “Bandeira desenhista”, de 15 de março de 1929; “Macobeba é um ótimo professor de corografia”, de 7 de junho de 1929; “Em favor da literatura”, 15 de junho de 1929; “Um pintor pernambucano”, de 13 de dezembro de 1929 (sobre Luiz Jardim, que responde em edição de 24 de dezembro com o texto “Agradecendo um elogio”); e “Graça Aranha e seus críticos”, de 8 de maio de 1930.

Na época da campanha presidencial de 1937, quando José Américo de Almeida mostrava ter reais chances de vitória, Lins, engajado na candidatura, faz uma análise precisa do momento histórico pelo qual o Brasil passava. Ambos eram colaboradores ativos de José Américo, e Freyre inclusive, após retorno ao Recife de uma viagem à

Europa em 1937, apresenta uma conferência no Teatro Santa Isabel a favor da candidatura do amigo. Várias são as cartas desse período que discorrem sobre ações da campanha. E, nas vésperas da instituição do Estado Novo, Lins reflete com acerto sobre a complexidade dos momentos que antecederiam a instauração da ditadura:

Aqui tudo continua muito confuso. A candidatura do José Américo criou um aspecto muito popular, que vai amedrontando os grandes da terra. A imprensa do Armando, sobretudo o nosso Chateau tem explorado de uma forma miserável esta história. Chateau tem escrito que é você o orientador social do José Américo e com isto ameaça a burguesia com verdadeiro massacre que parte do nosso candidato. Por outro lado o General Góes Monteiro sonha com a candidatura militar e está conspirando abertamente para isto, embora mesmo dentro do exército não esteja conseguindo grandes coisas. O protesto do General é a ameaça comunista. O que não passa de cavilação. Os integralistas se aproveitam da confusão para preparar qualquer coisa. Estão contando com o clero e fazendo o jogo fascista protegidos pelo governo que precisa tirar proveito de um golpe. No meio de tudo isto a candidatura de José Américo cresce de prestígio no meio do povo e dos intelectuais que estão vendo nele a única saída. Aqui tudo hoje é política. E os boatos tomam conta de tudo, alarmando. Estou ansioso que você chegue. Só em você eu sinto seguro, só com você eu sei resolver as coisas.³⁰

A literatura sozinha não constrói relações. Por aí se explica talvez essa admiração incondicional de Lins por Freyre, quem, embora muito tenha lido, viveu acima de tudo. Não espanta, nesse contexto, a afirmação de Carpeaux sobre Lins de que “a literatura não lhe importa”³¹. Nas cartas, também observamos a opinião de que o saber literário, sozinho, pode ser deformante, ou pode gerar mescla de pretensão e de ingenuidade. Na ocasião da visita de Waldo Frank ao Brasil em 1942, Lins, que participou dos eventos de recepção ao escritor norte-americano, emite sua opinião judicante: “Vai para aí com o Vinitius de Moraes, o Waldo Frank. O Frank é como você sempre me disse literato. Vou amanhã fazer um discurso a ele na Casa do Estudante. É homem de verdadeiro talento literário, mas um tanto francês, isto é, sem aquele ar de despreocupação que nos agrada. Acredito que seja homem de bem, cheio de grandes intenções. Por outro lado acho-o um tanto ingênuo.”³²

Quando Lins visitava a livraria José Olympio, frequentada por escritores como Graciliano Ramos, Octávio Tarquínio, Aurélio Buarque de Hollanda, João Condé Filho, Rachel de Queiroz etc., como afirma Carpeaux, ele se chegava ao seu modo, contava história, ria, não falava sobre literatura—pelo contrário, afirmaria sobre alguém com

quem se simpatiza: “Ele é mais um homem da terra do que dos livros”³³—, começava a sentir dores, ficava em silêncio, triste. Depois, “levanta-se, sai, sem saudar a ninguém. É ele mesmo”³⁴, testemunha o crítico. José Lins é um homem com tendência à desmesura que esconderia uma profunda (e brasileiríssima) tristeza, capaz, ao contrário do que a crítica fez tornar-se, em certa medida, senso comum, de também refletir amplamente sobre a sociedade.

Tal empenho reflexivo de José Lins aparece no tecido da correspondência—e Gilberto Freyre, com formação em literatura e em temas sociais vastos, lhe seria um interlocutor produtivo. Inclusive, o Brasil que aparece nas páginas epistolares é um Brasil igualmente trágico, fissurado, procurando organizar as diversas peças que constituiriam, de modo caótico, sua herança contraditória, em processo de intensa transformação. Portanto, observar os contornos que tomam as diversas formas literárias na obra dos autores não só abre a possibilidade de se destacarem elementos distintivos na escrita de ambos, mas também aponta para a elaboração de discursos que procuram dar conta desse Brasil moderno e ao mesmo tempo arcaico, cosmopolita e provinciano, de modo a procurar definir, pretensamente acima das cisões e dissídios, uma condição viável, de aderências (certamente bastante problemáticas) e consensos forjados a partir de um intenso debate intelectual por meio de um estilo dialógico próprio da ensaística, como se pode perceber tanto em documentos privados, como cartas, quanto em documentos públicos, como artigos para a imprensa do período.

¹Pós-Doutoranda no Instituto de Estudos Brasileiros .Universidade de São Paulo

² Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação estimada em 1925.

³ Cf. tb. prefácio de José Lins do Rego em FREYRE, G. **Inglese**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

⁴ REGO, J. L. Gilberto Freyre. In: _____. **Dias idos e vividos**. Seleção, organização e estudos críticos de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981. p.251-261. Publicado anteriormente em *Gordos e magros*, de José Lins do Rego, e em: FREYRE, G. **Região e tradição**. Prefácio de José Lins do Rego e ilustrações de Cícero Dias. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941.

⁵ REGO, J. L. Gilberto Freyre. In: _____. **Dias idos e vividos**, 1981, p.253 e 255.

⁶ Ênfase certa identidade “modernista-regionalista” apenas para distingui-la de uma outra corrente da qual Freyre procura se distanciar, liderada por Joaquim Inojosa. Este sempre procurou defender a ideia de que foi o introdutor do Modernismo no Recife, em linha que o aproximava a Mário de Andrade. Várias são as polêmicas de Inojosa com Freyre na imprensa da época e posterior. Em outra vertente, por exemplo, temos José Lins do Rego e o próprio Gilberto Freyre que escreviam publicamente sobre os limites do Modernismo à futurista do “Sul” e sobre a necessidade de voltar-se para o “Brasil interior”, para a descoberta de uma arte autêntica, e não mera cópia do que estaria vindo sob o influxo das forças metropolitanas. Daí o

distanciamento de ambos com relação aos movimentos de vanguarda. Mais adiante, porém— para não ficarmos somente nas divergências—, na ocasião do primeiro aniversário de morte de Mário, José Lins faz uma bela análise da importância do paulista para a cultura brasileira: “Mário foi o homem que não tinha inveja. Ou se teve a venceu, em todos os sentidos. A sua obra de poeta, de romancista, de erudito, é muito grande. Dela nasceram gerações, e por todo este Brasil a marca de sua poderosa personalidade está bem viva em muito poeta ou prosador que hoje atingiu a maturidade. Ninguém influiu e foi mais imitado do que Mário. Mas não ficou com o complexo de mestre, deformação da sabedoria que tantos aleijões tem feito entre nós. A mestria de Mário era humilde e se consolava de sua solidão no admirar os outros sem limites.” (REGO, J. L. do. **Homens, seres e coisas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952. p.66-7.).

- ⁷ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “[16] de junho de 1924”.
- ⁸ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação “21 de outubro de 1947”.
- ⁹ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “29 de abril de 1925”.
- ¹⁰ Comenta Jürgen Habermas: “[...] ele [Addison] fala de obras filantrópicas e escolas para órfãos, propõe melhorias no sistema de ensino, adverte quanto a formas de comportamento ético, polemiza contra o vício do jogo bem como contra o fanatismo e o pedantismo, contra a falta de bom-gosto dos letrados e a maluquice dos eruditos; trabalha em prol de uma maior tolerância, da emancipação da moralidade burguesa em relação à moral teológica, da sabedoria de vida em relação à filosofice acadêmica.” (HABERMAS, J. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p.59.).
- ¹¹ BERARDINELLI, A. **La forma del saggio. Definizione e attualità di un genere letterario**. Venezia: Marsilio Editori, 2002. p.22.
- ¹² Cf. FREYRE, G. **Tempo de aprendiz**: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor: 1918-1926. 2v. São Paulo: IBRASA; (Brasília): INL, 1979.
- ¹³ FREYRE, **Tempo de aprendiz**, v.2, 1979, p.131.
- ¹⁴ CASTELLO, J.A. **José Lins do Rego**: modernismo e regionalismo. São Paulo: Edart, 1961; TRIGO, L. **Engenho e memória**: o Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2002; ALMEIDA, J. M. G. de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. Sobre a influência de Freyre em José Lins, afirmou o historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi: “Lins do Rego sempre se declarou escritor espontâneo e instintivo, chegando a apontar nos cantadores de feira as fontes da sua arte narrativa. [...] São afirmações categóricas que, porém, não se podem tomar à letra, pois explicam menos o efetivo labor literário de Lins do Rego que a sua *poética* explícita, feita de lugares-comuns veristas afetados por um neo-romantismo nostálgico, afim à visão de mundo de Gilberto Freyre.” (BOSI, A. **História concisa da Literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p.398.).
- ¹⁵ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “15 de junho de 1931”.
- ¹⁶ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “31 de março de 1927”.
- ¹⁷ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “10 de julho de 1935”.
- ¹⁸ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 29 de [março] de 1938”.
- ¹⁹ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Recife, 5 de abril de 1939”.
- ²⁰ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “Lisboa, 8 de agosto de 1937”.
- ²¹ Em carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “24 de fevereiro de 1927”, a propósito do Carnaval, elogia o “povo brasileiro” e afirma sobre bacharéis e coronéis: “Os safados e intragáveis são bacharéis e os coronéis. Creio que os bacharéis mais que os coronéis.”
- ²² Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação “2 de agosto de 1931”.
- ²³ Cf. carta de José Lins do Rego a Alfredo Freyre, com datação “5 de agosto de 1943”.

-
- ²⁴ Carta de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, com datação estimada em 1943.
- ²⁵ CORRESPONDÊNCIA Mário de Andrade & Manuel Bandeira. Organização, prefácio e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ²⁶ CARLOS e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Organização e pesquisa iconográfica de Lélia Coelho Frota. Prefácio e notas de Silvano Santiago. Estabelecimento de texto das cartas de CDA por Alexandre Faria. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- ²⁷ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação “20 de [?] de 1933”.
- ²⁸ CARPEAUX, O. M. Prefácio. In: REGO, J. L. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. p.7.
- ²⁹ JUNQUEIRA, I. Lins do Rego ensaísta. In: REGO, **Dias idos e vividos**, 1981, p.20.
- ³⁰ Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação estimada em 1937.
- ³¹ CARPEAUX, Prefácio. In: REGO, **Fogo morto**, 1950, p.8.
- ³² Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, com datação estimada em 1942.
- ³³ CARPEAUX, Prefácio. In: REGO, **Fogo morto**, 1950, p.8.
- ³⁴ CARPEAUX, Prefácio. In: REGO, **Fogo morto**, 1950, p.8.